



Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico. ISSN: 2446-6778
Nº 5, volume 5, artigo nº 151, Julho/Dezembro 2019
D.O.I: <http://dx.doi.org/10.20951/2446-6778/v5n5a151>
Edição Especial

UMA AÇÃO DE EDUCAÇÃO PELA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA COMUNITÁRIA

Msc. Renata Domingues Gonçalves Caveari de Sousa¹

Professora de Psicologia da Uni-Redentor

Victória Lima da Silva do Nascimento²

Graduanda em Psicologia Uni-Redentor

Resumo

Este artigo apresenta uma proposta de Projeto de Intervenção elaborado pelos alunos da UniRedentor, pelo viés da Psicologia Comunitária. A partir de visitas domiciliares às famílias da Comunidade localizada no bairro Cidade Nova, no município de Itaperuna-RJ, foi estruturado o projeto, pensando este enquanto uma Ação em Educação. Utilizando-se a sala de espera da Unidade Básica de Saúde Costa e Silva, serão realizadas discussões com o intuito de promover reflexões sobre a realidade do ambiente, promovendo a consciência para as desigualdades presentes, buscando olhar de forma holística as subjetividades, e também para o processo saúde-doença. Serão realizadas rodas de conversa baseadas no método Paideia, como também serão entregues folhetos com informações sobre aspectos relacionados ao contexto comunitário, as relações que ali ocorrem, o processo saúde-doença. Almeja-se com a implementação deste projeto que a partir do debate coletivo a comunidade consiga realizar ações em grupo em prol da mesma, desenvolvendo através da autonomia e cidadania a construção de boas relações com os diferentes setores da comunidade, como também a troca de experiências entre os participantes da roda de conversa.

Palavras-chave: Ação de Educação; Comunidade; Psicologia Comunitária.

Abstract

¹ Centro Universitário Redentor, Psicologia, Itaperuna/RJ recaveari@hotmail.com

² Centro Universitário Redentor, Psicologia, Itaperuna/RJ victorialimain@gmail.com

This article presents a proposal for an Intervenção Project prepared by Ali da UniRedentor, hair viés da Psicologia Comunitária. From domiciliary visits to the families of the Community located not bairro Cidade Nova, not município of Itaperuna-RJ, foi structured or project, thinking this enquanto uma Ação em Educação. Using the Waiting Room of the Basic Unit of Saúde Costa e Silva, discussions will be carried out with the intention of promoting reflections on the realities of the environment, promoting awareness for the present inequalities, seeking holistic understanding of subjectivities, and also for or process saúde-doença. Conversational rounds based on the Paideia method will be carried out, as will also be handed out leaflets with information on aspects related to the community context, as related to the ocorrem, or saúde-doença process. Almeja-com a implementation of this project that from the co-operative debate to the community manages to carry out aces in the group of prolific mesma, developing autonomy and cidadania to build boas relations with the different sectors of the community, as well as experience among the participants it gives conversation.

Keywords: Education Action; Community; Community Psychology.

INTRODUÇÃO

A Psicologia Comunitária surgiu a partir da Psicologia Social, contudo na América Latina buscou-se uma vertente voltada para a realidade Sócio-Histórica, almejando ver a vida, os sujeitos, as relações sociais, e também a sociedade de forma crítica. No entanto, o primeiro caráter da Psicologia Comunitária era de base manipulativa, adaptativa e assistencial; depois percebendo que esta não é a realidade existente, que a América Latina tem um contexto muito diferente dos Estados Unidos, foi-se mudando esta perspectiva até chegar a este caráter crítico como é nos tempos atuais.

O crescente processo da globalização, o capitalismo cada vez mais presente trazem grandes consequências às sociedades; vemos que no Brasil há uma grande desigualdade social, consumo desenfreado em expansão geográfica, exclusão social, flexibilização dos direitos sociais, sentimentos de insegurança e impunidade, desemprego, entre outros.

Portanto, a Psicologia Comunitária é de suma importância neste cenário, uma vez que trabalha com os sujeitos, mas principalmente com os grupos, com as relações grupais, ajudando-os a ter uma autonomia, auxiliando-os no desenvolvimento de sua consciência, para que percebam as injustiças, as desigualdades sociais que estão presentes e, dessa forma através do grupo, é possível que os sujeitos possam superar suas individualidades e se unirem para resolver problemas que estão presentes em seu cotidiano, ou seja, a Psicologia Comunitária possui um escopo que visa a construção e reflexão acerca dos sujeitos se tornarem ativos em seu contexto, para que por intermédio da autonomia e cidadania eles consigam realizar ações voltadas para o desenvolvimento, logo

transformações de sua comunidade. Assim sendo, a Psicologia Comunitária irá buscar entender a realidade da comunidade através de suas complexidades.

A comunidade é um espaço que grande parte da vida cotidiana é vivida, portanto neste espaço deve-se trabalhar a promoção a saúde; como também a educação popular, para que os sujeitos possam perceber as complexidades que envolvem a sociedade da qual fazem parte. Por conseguinte, tem-se a educação em saúde que pode ser considerada como uma prática de saúde de forma preventiva; posto isso, seria uma forma de promover um olhar mais atento, mais crítico, pois leva-se informações que, talvez, os sujeitos, os grupos não possuam, ajudando-os a compreender melhor as questões pertinentes envolvidas no processo de saúde-doença.

Ademais, o presente trabalho surgiu a partir de uma proposta de Projeto de Intervenção elaborado por alunos do 4º período de Psicologia, do Centro Universitário UniRedentor, solicitado pelo componente curricular de Psicologia Comunitária e Práticas de Saúde.

Após realizadas as visitas à comunidade, localizada no bairro Cidade Nova no município de Itaperuna-RJ, percebeu-se que há uma discrepância na realidade da presente comunidade. Dessa forma, esta intervenção tem por objetivo desenvolver uma percepção acerca das desigualdades presentes, como também ser uma forma de aproximar os sujeitos que ali residem, para trabalhar questões como diminuição do individualismo, a fim de que pensem juntos de maneira cooperativa, bem como promover a saúde, seja psicológica ou física. Desta maneira, a saúde deve ser vista como resultado de uma contínua produção social que resulta na qualidade de vida da população, como também é um direito que envolve o completo bem-estar físico, mental e social.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Sawaia (1996, p.35):

Comunidade é um conceito tão ausente na história das ideias psicológicas. Aparece como referencial analítico apenas nos anos 70, quando um ramo da psicologia social se auto quantificou de comunitária. Assim fazendo, definiu intencionalidades e destinatários para apresentar-se como ciência comprometida com a realidade estudada, especialmente com os excluídos da cidadania.

A Psicologia era uma profissão mais elitista, voltada para a clínica, para as individualidades dos sujeitos. Ir ao psicólogo era sinônimo de luxo, de quem possuía certo poder aquisitivo, pois só iam aqueles poderiam pagar as consultas. A psicologia não era voltada para a sociedade, comunidade; não se viam psicólogos atuando na rede pública. Com o surgimento e ampliação do SUS – Sistema Único de Saúde e maior incremento das políticas públicas, a psicologia começou a ampliar seu campo de atuação para espaços

coletivos, mesmo que ainda de maneira sutil, pois a formação ainda se concentrava consideravelmente para o viés clínico, individualizante. Pode-se dizer que não havia ainda uma proposta real de atuação para o psicólogo em contextos comunitários.

Alguns autores colocam que a Psicologia Comunitária seria uma área aplicada da Psicologia Social, mas cada uma das teorias tem sua especificidade, contexto e campo de atuação, não sendo possível transferir conhecimentos, pois uma teoria será mais efetiva e válida dentro do contexto em que ela se desenvolve; quando os conhecimentos são transferidos pode não haver a verdadeira interpretação dos fatos, e distorções nos mesmos, não havendo assim veracidade, para aqueles fenômenos. Temos como o exemplo a Psicologia Social Psicológica no Brasil.

Logo, como a Psicologia Comunitária é uma área um tanto quanto nova, no Brasil podemos perceber que seu surgimento se relacionou com o golpe militar de 1964, onde o país viveu um período de extrema violência e opressão, levando os psicólogos a repensar seu papel diante da sociedade refletindo sobre a sua atuação. Assim sendo, ela tem criado e adaptado teorias, assim como também tem aproveitado outras, sendo todas voltadas para as práticas sociais, como as áreas da antropologia, educação, serviço social, medicina social, e também da Psicologia, como por exemplo a Psicologia Social.

A Psicologia Comunitária volta-se para prestação de serviços como: atendimento psicológico individual e grupal, acompanhamento do clube de mães, grupo de jovens, reuniões de bairro, grupos de alcoólicos anônimos; como também busca segundo Lane (2013, p.20) “proporcionar o crescimento da consciência dessa população através da participação desses indivíduos em grupos, que levariam a superar o individualismo e a se unirem em atividades que visassem mudar o cotidiano”.

Cabe também ao psicólogo comunitário desenvolver grupos pensando na realidade da vida daquela comunidade, para que estes possam se tornar conscientes exercendo autocontrole e autonomia nas situações que ali acontecem de forma organizada e cooperativa, isto sempre em prol da comunidade para que esta esteja sempre superando as diversas situações e suas complexidades.

Nesta perspectiva, o Paradigma Ecológico nos traz uma importante via de pensamento sobre o cuidado com o entorno, com as pessoas e com a Comunidade. Logo, ele vai busca olhar a realidade desta comunidade de forma holística, ou seja, de forma integral, pensando em todas as suas características e desdobramentos.

Dessa forma, segundo Sarriera (2017, p. 31):

É buscar harmonia do homem com a natureza, produzindo cultura e transformando o entorno num lugar com melhores condições de vida para todos. Essa adaptação ou harmonia entre o homem e seu contexto tem caráter ativo e transformador, e significa a boa convivência e equilíbrio.

Dentro deste paradigma, existe a dinâmica do paradigma ecológico, que retrata a interação pessoa ambiente.

Segundo Kelly (1996) e Trickett, Kelly e Todd (1972) apud Sarriera (2017):

- 1- Interdependência- Pessoas e ambientes em constante interação [...] sendo ambos ativos e transformadores, podemos avaliar a importância tanto do sujeito como protagonista da mudança no ambiente social como o sujeito sendo transformado, através do tempo, pelo próprio ambiente social.
- 2- Congruência e adaptação- Consiste na tendência para encontrar um equilíbrio entre a dinâmica do desenvolvimento das pessoas, dos sistemas e das oportunidades ou dificuldades que vão surgindo. O contínuo desenvolvimento inerente às pessoas e ao meio facilita uma série de atividades, assim como inibe outras, mudando sempre as condições no ecossistema.
- 3- Evolução e sucessão- Traz a perspectiva de longo prazo e orienta sua atenção na análise do contexto histórico da comunidade, o problema ou a necessidade são vistos desde uma perspectiva integrada de tempo e orientada para o futuro [...] conhecer a história e os recursos das pessoas e do meio ecológico para conhecer o seu atual [...] a mudança pessoal e/ou comunitária poderá dar-se de forma espontânea ou a partir de uma determinada intervenção. A mudança representa uma oportunidade para redefinir e reajustar os recursos que possam facilitar o processo de evolução.
- 4- Troca e desenvolvimento dos recursos- Os sistemas se caracterizam pelo intercâmbio de recursos [...] pessoas e contextos trocam produtos, seja em forma de relações, conhecimentos, trabalho, dinheiro, tecnologia, poder, tempo, etc.

Toda esta dinâmica ajuda entender de forma mais efetiva o que acontece na comunidade, suas interações e traz uma ideia que é de suma importância, apresentando o homem e o ambiente como protagonistas de trocas mútuas e constituições mútuas, ou seja, se fazendo na interação, seja ela homem-ambiente, seja homem-grupo e/ ou homem-grupo-ambiente.

Outro ponto que também busca-se tratar foi a perspectiva social expansiva, cujo suporte teórico é multidisciplinar, seu objeto é o processo saúde-enfermidade, sua hipótese é a etiológica integral, onde o profissional é um relativista cultural; seu suporte operativo, volta-se para análises e ações coletivas com sistemas abertos, o seu campo de ação também é o processo saúde-enfermidade, seu objeto é um ecossistema, o efeito buscado com a ação é a modificação do entorno social que gerou o problema, suas ações são de proteção e promoção a saúde, prevenção primária, a natureza de suas ações é ativa, os indicadores para solução do problema serão as mudanças no ecossistema que gerou o problema, e o componente formal (usuário) participa na tomada de decisão, na execução e na avaliação das ações.

Percebe-se que o paradigma social-expansivo também é uma forma holística de ver esse sujeito, de pensar na sua vida, no seu processo saúde-doença olhando para todo o seu contexto biopsicossocial; e não como faz o paradigma individual-restritivo que visa o indivíduo apenas, totalmente descontextualizado, pensando só no seu adoecer, sendo sempre a sua hipótese etiopatogênica.

Essa postura autocrática, muitas vezes autoritária produz “sequelas” no usuário como: Ineficácia de acionar os serviços profissionais e técnicos, aumento da quantidade de enfermidades, como também procurar curandeiros, maneiras sobrenaturais para se curar/tratar.

Essa troca de subjetividades acontece nos espaços intersubjetivo geral que segundo Saforcada (2017, p.54):

O componente intersubjetivo geral é o espaço virtual que é gerado a partir da interação cotidiana entre o componente formal (profissionais e técnicos) e o componente informal (usuários do sistema) do subsistema de atenção à enfermidade e no qual se produzem as reações e vivências emotivo-afetivas provenientes do intercâmbio entre as subjetividades dos integrantes de cada um destes dois componentes.

Assim, se nessas trocas de subjetividades formam-se barreiras negativas entre componente informal e componente formal, pela maneira que este componente formal trata os usuários, cada vez mais vai havendo um distanciamento desse usuário dos serviços, gerando nele, processos de deterioração da autoestima, degradação da autoimagem e incremento das dinâmicas de inibição e, no componente formal, incremento de comportamentos autocráticos, autoritarismo, desresponsabilização com a saúde coletiva, aumento da quantidade de profissionais e técnicos desmoralizados.

Para finalizar, o Paradigma Ecológico é considerado como aquele que melhor pode trabalhar com os fenômenos comunitários de forma eficaz e fidedigna, por sua postura de buscar olhar as relações, o cuidado com o entorno dessas pessoas, dessa comunidade, buscando a harmonia, o equilíbrio, os processos de transformações ativas na comunidade, olhando para o contexto sócio-histórico cultural, auxiliando-os a olhar de forma mais crítica para as desigualdades presentes na comunidade.

Dessa forma:

[...] o Paradigma Ecológico em Psicologia Comunitária representa uma perspectiva teórica que entende a realidade dentro da complexidade, como uma construção conjunta e interativa entre pessoas e ambientes, criando consciência e informação das interdependências que criam as injustiças e desigualdades, desenvolvendo e fortalecendo os recursos que contribuem para uma otimização das condições de vida, atuando nas instâncias macro, meso e microsistêmicas, de forma colaborativa e solidária entre os membros da comunidade e entre o pesquisador e

a comunidade, fortalecendo as redes sociais que auxiliam na resolução na resolução dos problemas psicossociais. (SARRIERA, 2017, p.45)

Para a realização do projeto de intervenção será utilizado o método Paideia, que é uma metodologia de cogestão das instituições e do cuidado em saúde, sua primeira prática foi realizada no município de Campinas/SP, na década de 1990, pelo Sistema Único de Saúde.

De acordo com Campos; Figueiredo; Pereira Júnior; Castro (2014, p. 985),

O termo Paideia é de origem grega. Designa um dos três componentes essenciais da democracia ateniense: Cidadania, direitos das pessoas; Ágora, espaço para compartilhar poder; e o conceito Paideia, educação integral.

Portanto, este método propõe olhar para a dinâmica histórica e social, considerando a análise dos desejos e interesses não só de si, mas de todos ali presentes. Todavia, deve ser levado em consideração que será parcial o controle, já que inúmeros cenários podem ocorrer interferindo e produzindo efeitos nas pessoas como nas instituições.

Destarte, pode-se definir o referido método segundo Campos; Figueiredo; Pereira Júnior; Castro (2014, p. 985) como:

O Método Paideia (ou método da roda, como também é conhecido) realiza uma adaptação dessa tríade. Busca-se o efeito Paideia: que é o trabalho realizado para ampliar a capacidade das pessoas para lidar com informações, interpretá-las, compreender a si mesmas, aos outros e ao contexto. Em consequência, pretende contribuir para o desenvolvimento da capacidade de tomar decisões, lidar com conflitos, estabelecer compromissos e contratos; ampliando, enfim, a possibilidade de ação dessas pessoas sobre todas essas relações.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Realizar uma Ação de Educação visando proporcionar a consciência a respeito do contexto da comunidade, da relação saúde-doença, bem como fomentar, refletir e construir conhecimentos visando a transformação da realidade constituída.

Objetivos Específicos

- ✓ Fomentar o debate coletivo para o desenvolvimento da consciência de suas realidades e produção de estratégias de superação das desigualdades;
- ✓ Promover a reflexão junto aos sujeitos de forma holística no que se refere a suas subjetividades sociais;

- ✓ Pontuar sobre a harmonia entre homem e ambiente, produzindo autonomia, liberdade, cultura e transformando a comunidade em um espaço mais digno de se viver para todos;
- ✓ Desenvolver reflexões acerca do processo saúde-doença, sendo estes constituídos por objetos sociais e biológicos.

METODOLOGIA

Inicialmente foi elaborado uma entrevista aberta com moradores da comunidade, e com as Agentes Comunitárias de Saúde a saber sobre a dinâmica deste contexto. A partir da mesma, foi desenvolvido um plano de ação visando contribuir com estratégias junto à comunidade, para que possam buscar de melhor forma, trabalhar com os fenômenos comunitários.

A entrevista aberta se assemelha a uma conversa; são elaborados tópicos, e o entrevistador segue as questões, porém deve estar preparado caso a entrevista mude de rumo. E assim, ela pode ser usada em todos os segmentos da população (alfabetizados ou não), ela possui uma maior flexibilização porque o entrevistador pode repetir a pergunta quantas vezes forem necessárias ou formular de maneira diferente para garantir que foi compreendido.

Foi percebido na entrevista que os sujeitos desta área não frequentam muito a UBS Presidente Costa e Silva, sendo o dia de maior fluxo na mesma a segunda-feira. O projeto de intervenção pensado, ou seja, uma ação em educação, deverá ocorrer neste dia, para que assim se possa ter acesso a um maior número de pessoas da comunidade. Haverá uma divulgação por todo o bairro para divulgação da ação.

Será elaborada uma roda de conversa na sala de espera da UBS, que segundo Teixeira; Veloso (2006, p.321) é,

O território da sala de espera é o lugar onde os clientes aguardam o atendimento dos profissionais de saúde, comumente em unidades básicas, mas também existe em outros espaços de atenção em saúde, como nos hospitais públicos e privados. Percebemos que a sala de espera é um território dinâmico, onde ocorre mobilização de diferentes pessoas à espera de um atendimento de saúde.

Essa roda de conversa se baseará no método Paideia que como dito anteriormente, buscará ampliar a capacidade das pessoas para lidar com informações e interpretá-las. Contexto que muito tem a ver com o Paradigma Ecológico da Psicologia Comunitária que busca olhar as relações, o cuidado, a harmonia e equilíbrio, considerando o contexto socio-histórico cultural, auxiliando-os a olhar de forma mais crítica para as desigualdades presentes na comunidade.

Espera-se que através destes encontros coletivos a comunidade possa desenvolver a consciência crítica e se fortaleça enquanto grupo organizado e cooperativo na luta por um cenário de maior equilíbrio social.

A ação será realizada na parte da manhã, pois como percebido na entrevista, é o momento de maior disponibilidade da comunidade. Por conseguinte, terá uma mesa de café da manhã a espera deles. Serão distribuídos folhetos explicativos para os participantes da ação sobre o contexto comunitário, as relações que ali ocorrem, o processo saúde-doença, onde eles poderão levar para a casa podendo divulgar para aqueles que não participaram a conhecerem um pouco mais sobre seus direitos.

O projeto de intervenção foi elaborado com a finalidade de promover a troca de experiências entre os participantes da roda de conversa, promover a autonomia e a cidadania. Trazer ao grupo de participantes reflexões sobre a realidade da vida daquela comunidade para que estes possam se tornar conscientes, exercendo autocontrole e autonomia nas situações que ali acontecem de forma organizada e cooperativa para que haja transformações na perspectiva de melhoria do ambiente. A participação da comunidade na roda de conversa fortalecerá a perspectiva coletiva na comunidade fazendo com que o grupo pense em ações conjuntamente, o que fortalece a possibilidade de mudanças no ambiente social, e, conseqüentemente no processo saúde-doença.

Alguns entrevistados não se queixaram, mas há relatos sobre a comunidade não frequentar a UBS, o que pode denunciar uma postura autocrática por parte dos profissionais que ali estão para atender a comunidade, ou seja, aquele que possui o saber não considera a realidade dos pacientes, criando-se assim resistências no usuário de frequentar a UBS. Logo, vale a pena considerar também a possibilidade de conversar não apenas com os usuários em questão, mas também com o grupo de profissionais que nem tudo que acontece com o paciente é realmente patologizante e medicamentoso, podendo existir fatores sociais muito mais impactantes no processo de adoecimento do sujeito. Dessa forma, espera-se que os participantes percebam que o profissional deve olhar para todo seu contexto histórico socio-cultural e para o processo saúde-doença na perspectiva contextualizada.

CONCLUSÃO

De modo geral, foi possível perceber ao longo das visitas e das conversas com os moradores da comunidade muitas questões relativas à precariedade no que se refere à infraestrutura básica. São famílias que carecem de atenção em diversos aspectos, mas que muitas vezes não conseguem perceber a capacidade de luta e organização que podem

conseguir ao se unirem coletivamente no processo de produção de mudanças significativas para suas realidades.

A intervenção estruturada foi pensada com o intuito de “proporcionar o crescimento da consciência dessa população através da participação desses indivíduos em grupos, que levariam a superar o individualismo e a se unirem em atividades que visassem mudar o cotidiano” (LANE, 2013, p.20). Dado que em tempo da fluidez se prima a individualidade, o indivíduo pensando só em si mesmo e não no coletivo, na sociedade, onde o que importa para ele é a sua satisfação, não ligando se isso afetará outras pessoas, uma vez que não possuem normas sólidas que o ajude a viver em sociedade, mais sim normas que fluem de acordo com o que o mundo político-capitalista dita. Assim sendo, a Psicologia Comunitária tem muito a contribuir para que este mundo líquido não fique cada vez mais presente nas comunidades.

O conceito de processo saúde-doença, que será tratado na intervenção tem evoluído nas últimas décadas, do foco nas doenças e morte, para uma perspectiva mais vinculada à qualidade de vida da população e de produção social da saúde. Os dispositivos existentes precisam ser constantemente questionados a respeito da efetividade da sua função, que é sobretudo, produzir saúde e novas formas de cuidar das complexas demandas, (TANAKA; RIBEIRO, 2019), e para tanto os profissionais devem buscar o paradigma social-expansivo que é uma forma holística de ver esse sujeito, de pensar na sua vida, no seu processo saúde-doença olhando para todo o seu contexto biopsicossocial; e não como faz o paradigma individual-restritivo que olha o sujeito de forma descontextualizada. É preciso olhar para este sujeito e fortalecer a conjuntura coletiva como força possível de construção de uma nova perspectiva social, onde a comunidade de fato seja um contexto de produção de saúde.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa; FIGUEIREDO, Mariana Dorsa; PEREIRA JUNIOR, Nilton and CASTRO, Cristiane Pereira de. A aplicação da metodologia Paideia no apoio institucional, no apoio matricial e na clínica ampliada. *Interface (Botucatu)* [online]. 2014, vol.18, suppl.1, pp.983-995. ISSN 1414-3283. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622013.032>.

Lane, Silvia Tatiane Maurer. (2013). Histórico e fundamentos da psicologia comunitária no Brasil. In: Campos, Regina Helena de Freitas et al. (Org.). *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia*. 18. Ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p.15-28.

MOITINHO, Lilian Santos Lopes; CASTRO-SILVA, Carlos Roberto de. Aspectos psicossociais de uma intervenção comunitária na periferia de São Paulo. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 92-104, abr. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 mai. 2019.

SARRIERA, J. C. O paradigma ecológico na psicologia comunitária: do contexto à complexidade in: SARRIERA, J. C., SAFORCADA, E. T. (org.) Introdução à Psicologia Comunitária: bases teóricas e metodológicas. Porto Alegre: Sulina, 2017.

SARRIERA, J. C., SAFORCADA, E. T. Introdução à Psicologia Comunitária: bases teóricas e metodológicas. Porto Alegre: Sulina, 2017.

SAWAIA, B.B. Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a Humanidade. In: SAWAIA, B.B. (Org.). Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 35-55.

TANAKA, Oswaldo Yoshimi and RIBEIRO, Edith Lauridsen. **Ações de saúde mental na atenção básica: caminho para ampliação da integralidade da atenção.** *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2009, vol.14, n.2, pp.477-486. ISSN 1413-8123. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232009000200016>.

Sobre os Autores

Autor 1: Professora do curso de Psicologia da Uni-redentor. Mestre em Ensino pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: recaveari@hotmail.com.

Autor 2: Aluna do curso de Psicologia da Uni-redentor. E-mail: victorialimaln@gmail.com.